

ESTUDOS PARTILHADOS SOBRE LINGUAGEM A PARTIR DA TEORIA BAKHTINIANA

Keila Matida de Melo Costaⁱ
Carime Rossi Eliasⁱⁱ

RESUMO: Esta comunicação objetiva apresentar, inicialmente, o subprojeto sobre linguagem *Bakhtin e Educação: diálogos possíveis*, desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás; e, posteriormente, expor análises iniciais sobre concepções de linguagem a partir de atividades pedagógicas de professores, tendo como fundamentação teórica os estudos de Bakhtin. Compreender a linguagem nos diferentes espaços sociais, limitados ou não ao âmbito escolar, supõe discutir a questão da constituição do sujeito discursivo. Sujeito que se concretiza na relação com o outro, no processo de interação verbal e social, o qual inclui conceitos importantes como o dialogismo. Na escola, é a concepção que o professor tem de linguagem que irá nortear sua prática pedagógica. Essa concepção se expressa nas atividades que ele desenvolve em sala de aula. Pelos estudos bakhtinianos é possível identificar e compreender essas concepções por atividades escolares, pela relação entre professor e aluno, pela escrita das crianças, pelo discurso dos professores. Neste momento, serão apresentadas análises de três atividades trabalhadas por professores da primeira fase do ensino fundamental, no ano de 2010, em uma escola pública de Aparecida de Goiânia, cidade próxima à capital de Goiás, Goiânia. O resultado de tais análises mostra que o ensino da Língua Portuguesa continua marcado pela reprodução, pela apreensão da língua como sistema, fato que contradiz a defesa de Bakhtin acerca da apreensão da língua em sua vivacidade histórica e social. Essa defesa é exposta no diálogo que o autor estabelece com correntes lingüísticas em voga no início do século XX no Ocidente.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Língua. Diálogo. Práticas pedagógicas. Formação do leitor e do escritor.

INTRODUÇÃO

Esta comunicação objetiva apresentar possíveis discussões sobre como o professor entende a língua em que trabalha. Esse entendimento está relacionado à concepção que ele tem de linguagem. É ela que irá nortear seu trabalho em relação às práticas de ensino da língua, de desenvolvimento da leitura e da escrita. Como a atuação desse profissional deve se embasar em uma reflexão constante do que para ele significa o ensinar e o aprender, este trabalho tem a pretensão de contribuir para um repensar acerca da forma como o professor expressa seu modo de ver e de se relacionar com a língua portuguesa.

A clareza desse profissional em relação à concepção que ele tem de linguagem irá se materializar em diferentes práticas pedagógicas, seja em defesas orais, no diálogo entre

ⁱ Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. k_mcosta@hotmail.com

ⁱⁱ Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. carimeel@gmail.com

professor e aluno, seja em atividades sugeridas, no estabelecimento de propostas de resoluções de atividades avaliativas, por exemplo. Este estudo não pretende direcionar tais práticas, uma vez que o professor tem liberdade de agir conforme as concepções que defende, nem definir modelos a serem seguidos, pois isto significaria contrariar os pressupostos teóricos de Bakhtin. Mas pretende contribuir para a reflexão sobre as concepções de linguagem e suas relações com as práticas pedagógicas.

Os estudos de Mikhail Bakhtin, pesquisador russo que viveu a experiência do exílio e presenciou a segunda guerra mundial na Rússia, são marcados por uma concepção de mundo, por uma “filosofia da linguagem”. Entre os anos de 1919 a 1929, o autor se reuniu com um grupo de intelectuais, dentre eles Voloshinov e Medvedev, a fim de discutirem questões de filosofia e linguagem. O círculo ficou conhecido como “Círculo de Bakhtin”. Para Faraco (2009, p. 14):

Os membros do Círculo que recebeu seu nome, tinham em comum uma paixão pela filosofia e pelo debate de idéias, o que é facilmente perceptível nos textos que nos legaram. Mergulhavam fundo nas discussões dos filósofos do passado, sem deixar de se envolver criticamente com autores de seu tempo. Podemos acrescentar a essa paixão outra que, progressivamente, invade os interesses do Círculo, em especial em seus tempos de Leningrado: a paixão pela linguagem.

O passado e o presente da língua são apresentados por Bakhtin, pelo Círculo de Bakhtin, expressão que Faraco preferiu utilizar para se referir às produções bakhtinianas, uma vez que algumas obras consideradas desse autor são assinadas por integrantes do Círculo. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* é uma delas, obra cuja autoria é de Bakhtin e de Volochinov. Nela as correntes lingüísticas em voga no início do século XX são apresentadas, discutidas, há um avanço em relação a elas. Discussão que continua viva, constantemente atualizada e que possibilita um diálogo com as práticas pedagógicas de ensino da língua.

Originada no processo de aquisição de uma língua estrangeira num propósito de investigação científica, a reflexão lingüística serviu também a outros propósitos, não mais de pesquisa, mas de ensino; não se trata mais de decifrar uma língua, mas, uma vez essa língua decifrada, de ensiná-la. As inscrições extraídas de documentos heurísticos transformam-se em exemplos escolares, em clássicos da língua. O segundo problema fundamental da lingüística: criar o instrumento indispensável para a aquisição da língua decifrada, codificar essa língua no propósito de adaptá-la às necessidades da transmissão escolar, marcou profundamente o pensamento lingüístico. A fonética, a gramática, o léxico, essas três divisões do sistema da língua, os três centros organizadores das categorias lingüísticas, formaram-se em função das duas tarefas atribuídas à lingüística: uma heurística e a outra pedagógica. (BAKHTIN, 2009, p. 99)

Na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, há um grupo de pesquisa que busca entender a linguagem pelos estudos bakhtinianos, na tentativa de fazer um entrecruzamento entre a teoria e a prática, com o propósito de estabelecer diálogos possíveis entre Bakhtin e Educação. A prática, cuja concretude fundamenta-se em uma teoria, é resultante da atuação de professores da educação básica, participantes do projeto. Essa participação se dá, para conhecimento, análise e discussão conjunta, por relato de experiências, pela apresentação de atividades pedagógicas, pela escrita dos participantes.

Nesse sentido, buscando mostrar um pouco do entrecruzamento entre teoria bakhtiniana e prática pedagógica de professores de educação básica, a fim de possibilitar ao professor de língua portuguesa uma reflexão sobre sua atuação profissional, este artigo se apresenta dividido em duas partes. Na primeira, expõe o histórico e um pouco das propostas do projeto sobre linguagem desenvolvido na Faculdade de Educação da UFG, resultado de um grupo de estudos iniciado em 2010. Na segunda, analisa atividades escolares oriundas de práticas pedagógicas obtidas a partir de atividades trabalhadas com alunos (uma atividade avaliativa e duas atividades cotidianas as quais tiveram como propósito observar se “aquisição” de determinado saber foi obtido).

1 Um fazer em construção: *Bakhtin e Educação: diálogos possíveis*

O subprojeto *Bakhtin e Educação: Diálogos Possíveis* é oriundo de um grupo de estudos iniciado no segundo semestre de 2010. A proposta inicial do grupo era não apenas conhecer alguns conceitos norteadores da teoria bakhtiniana a partir da leitura da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, mas também discutir, por meio de práticas decorrentes da experiência dos professores integrantes do grupo, as formas de materialização da linguagem em textos impressos. Discutia-se então certos conceitos analisando artigos de revistas, textos literários, dentre outros. A fim de dar continuidade aos estudos citados, o grupo se vinculou ao projeto *A Literatura-Arte na Educação Pública*ⁱⁱⁱ, construindo diálogos possíveis entre os conceitos da filosofia da linguagem de Bakhtin e as concepções e práticas discursivas dos professores, visando à formação de leitores e de escritores e à reflexão sobre as práticas pedagógicas. Tal articulação entre os grupos ampliou o espaço de abrangência do projeto, uma vez que não apenas promove o diálogo com outros professores, de outras universidades, mas também expande o estudo sobre a utilização da língua para outros gêneros

ⁱⁱⁱ Coordenado pela Profa. Dra. Eliana Gabriel Aires, da Faculdade de Educação da UFG.

discursivos não restritos à literatura infantil, além de possibilitar a análise das práticas pedagógicas.

A proposta atual se deve ao fato de que, no ano de 2010, muitos dos integrantes do grupo de estudo sobre Bakhtin eram também integrantes do projeto *A Literatura-Arte na Educação Pública*. O interesse por participar de diferentes espaços formativos estava associado à discussão sobre linguagem, suas relações com a literatura e com as práticas pedagógicas. Independentemente do gênero discursivo analisado, esses espaços formativos fomentam a reflexão sobre o papel do sujeito frente ao trabalho com a linguagem. A comunhão entre os grupos, neste momento, visa dar voz aos profissionais que atuam nas escolas, ao mesmo tempo em que essas vozes ouvidas dialogam com discursos outros e ajudam a universidade a repensar seu papel de formadora de professores em contato e troca com os saberes da escola. Universidade e escola buscam um pensar acerca de seus papéis formativos. Brait (2003, p. 40) afirma que tanto a literatura quanto a língua devem ser vistas a partir de um conceito mais amplo de linguagem, em que tempos históricos se entrecruzam e se atualizam na compreensão de uma:

nova retórica em que os textos e os discursos são enfrentados como “não-transparentes”, “não-neutros”, mas como entidades mobilizadoras de estratégias de argumentação, de persuasão, de ambigüidade, mesmo nos lugares menos esperados. Dessa forma, aspectos que pareciam próprios dos estudos dos textos literários são surpreendidos em textos não-literários, não para mostrar sua beleza, mas para mostrar que a produção de efeitos de sentido não é propriedade exclusiva dos discursos literários e poéticos, mas pode estar numa primeira página de jornal ou nos discursos que a mídia veiculou sobre o Césio, em Goiânia, em que as metáforas da guerra e a doença transformam-se em programas de produção de sentido de tal forma que o que era uma qualidade negativa do material radioativo passa a ser, por contaminação discursiva, uma propriedade de Goiânia e dos goianos, interferindo na vida dessa comunidade.

A autora defende que o profissional que lida com linguagem deve conhecer os modos de utilização da língua, as teorias que os fundamentam, para ser capaz de “enfrentar textos e fazer deles seu instrumento de ver e mostrar o mundo” (BRAIT, 2003, p. 40).

Diferentes abordagens, oriundas de concepções teóricas variadas, são utilizadas nas formas de se trabalhar a relação ensino-aprendizagem e, portanto, também o ensino da língua. Como o grupo de pesquisa *A Literatura-Arte na Educação Pública* discute práticas pedagógicas por meio do relato de professores participantes, incluindo discussões acerca das atividades desenvolvidas em escola estadual por alunas bolsistas, a intenção, no subprojeto sobre linguagem, é, a partir dessas problematizações e estudos, conhecer inicialmente as

concepções que o professor tem de linguagem e ampliar a possibilidade de se pensar a utilização da língua na escola e fora dela. A discussão sobre linguagem como o próprio título do subprojeto aponta é fundamental nas discussões teóricas bakhtinianas, como já foi dito.

Bakhtin é um importante estudioso na área da linguagem, especialmente da literatura por considerá-la uma forma privilegiada de uso da língua. Obras como *Problemas da poética de Dostoiévski*, *Cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*, *Questões de Literatura e Estética*, *Estética da criação verbal*, dentre outras, apresentam algumas das discussões promovidas por esse autor no âmbito da literatura. Todavia, ao discutir linguagem, o autor abarca especificidades de gêneros discursivos variados não se limitando aos estudos literários já que analisa a língua em seu funcionamento real. Ao fazer isso ele aponta a dimensão da língua em seus aspectos culturais, ideológicos e históricos.

Bakhtin dá ênfase ao papel central da linguagem porque o acesso que o sujeito tem à realidade é sempre mediado por ela. “O real apresenta-se para nós sempre semioticamente, ou seja, linguisticamente”, disse Fiorin (2008, p. 19). Esse real não é um discurso originário do momento da atuação discursiva, ele já é perpassado “por idéias gerais, por pontos de vista, por apropriações dos outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos”, continua o autor. Isso não supõe que a instauração discursiva seja repetições de dizeres, mas diálogo com discursos já ditos, já que se constitui e se modifica a cada contexto extraverbal, segundo Bakhtin.

Nessa trama discursiva, o sujeito assume, por esse caminhar, um posicionamento ativo, avaliativo social, responde a enunciados anteriores, posiciona-se em relação aos discursos proferidos e a se proferir. Levanta questionamentos outros, responde e aponta novas questões a serem respondidas, refutadas, aderidas. Essa atuação desfigura a língua como um sistema imutável de códigos dados, estabelecidos, fixados. O falante, porventura,

não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez [...] por isso o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. [...] O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. (BAKHTIN, 2003, p. 300)

Desta maneira, a linguagem, assim como a realidade, é alterada pela ação cotidiana do sujeito falante e usuário da língua. Pela linguagem, o homem compreende o outro,

compreende a si mesmo, analisa e transforma o mundo, transformando-se inclusive, ao transformar-se enquanto sujeito discursivo.

Faraco (2009) afirma que Bakhtin não somente promoveu uma discussão sobre linguagem, mas também asseverou uma forma de compreender o mundo. Sua filosofia da linguagem, ao estabelecer um diálogo epistemológico com as correntes lingüísticas em voga no século XX no Ocidente, respondendo a elas, promoveu uma forma de pensar o homem num entrelaçamento dialógico (conflituoso) com o outro. O sujeito falante não era somente um ser que se apropriava de uma língua dada, estruturalmente composta. No discurso do sujeito que diz e, ao dizer, se posiciona, encontram-se dizeres outros, efetivados historicamente. No fluxo discursivo, proveniente de um processo evolutivo contínuo, como apontou Bakhtin (2009), o sujeito se constitui com o outro e para o outro, em uma construção ideológica, não neutra. Por esse percurso, os estudos filológicos, por exemplo, assumem seu lugar como a descrição sistematizada de uma língua “morta”, porque não leva em conta os sujeitos falantes, diferentemente da apreensão do funcionamento da língua em uso, conforme proposta de estudo de Bakhtin. Objetivismo abstrato e subjetivismo individualista como correntes de estudos lingüísticos têm aí cada qual o seu papel para se pensar o sujeito na linguagem e são criticados pelo quadro teórico bakhtiniano, cujo avanço promove um repensar do sujeito na relação com o outro e com a sociedade por meio da linguagem.

Entretanto, entender o significado desse avanço pressupõe estudos sobre conceitos-chaves, como diria Brait (2005) (2006), os quais sustentam entendimentos da prática da leitura e da escrita à luz da linguagem. É a leitura e a escrita em suas efetivações mais diversificadas que possibilitam o agir do homem na realidade em que vive porque é por meio da linguagem em suas diferentes formas de argumentação, de efetivação (verbal e não-verbal, acento apreciativo, disposição gráfica, lugar social etc.) que o sujeito persuade o outro, incita adesão, instiga distanciamento, demonstra poder e domínio discursivo no processo de “composição” da língua. À universidade cabe analisar tais práticas, entendê-las, repensá-las, rediscuti-las, já que o próprio fazer científico se efetiva num diálogo com diferentes correntes teóricas.

De estudos cristalizados e sentidos predefinidos, a intenção não é compreender para romper, para mudar, para propor “novas” práticas, as quais sua abrangência não se limita à dualidade entre velho e novo, arcaico e moderno; são outros modos de compreensão da realidade a partir do entendimento do que se efetiva nas instâncias sociais, quer pública, quer privada, como diferencia Geraldí (2005). Assim como tempos históricos se interligam sem ruptura, como continuidade, a mesma situação, em muitos casos, ocorre com os estudos

acerca da linguagem, haja vista o posicionamento de Bakhtin frente ao advento da linguística pela atuação de Ferdinand Saussure, como será apresentada na segunda parte deste trabalho. Bakhtin não rompe com os estudos lingüísticos saussurianos, mas avança em relação a eles.

A partir dos conceitos de Bakhtin, de sua concepção de linguagem, este subprojeto pretende entender inicialmente qual concepção os professores têm de linguagem e como essa concepção influencia esses profissionais em suas relações com a leitura e a escrita, com o ensino da língua. Na articulação entre teoria e prática, a filosofia da linguagem de Bakhtin promove a compreensão dos usos da língua, dos sentidos criados por esses usos, das construções que se fundamentam na produção, circulação e recepção discursiva. Isso envolve o ler e o escrever de diferentes formas na escola e fora dela, em vários espaços onde essas práticas acontecem. É a concepção de linguagem que irá nortear uma compreensão de mundo, uma relação de ensino-aprendizagem, uma forma de agir em sociedade. Daí o contexto da pesquisa se efetivar a partir do diálogo com professores que se dispõem a refletir sobre as relações entre teoria e prática a partir de estudos contemporâneos na área da linguagem, construindo um diálogo que pode ser estabelecido entre os ambientes acadêmicos e escolares.

Nesse entrecruzar de muitas vozes, professores buscam entender o passado e o presente do ensino da língua; buscam analisar práticas pedagógicas a partir de concepções de linguagem que as norteiam, as quais subjazem um entendimento amplo sobre educação e sociedade; buscam ainda discutir a formação de práticas discursivas a partir da discussão sobre ideologia, interação verbal, texto e construção de sentidos. Neste momento serão apresentadas análises de três atividades desenvolvidas por professores da educação básica em uma escola pública de Aparecida de Goiânia, cidade próxima à capital de Goiás, Goiânia.

2 Concepções de linguagem em cena: uma forma de se ensinar a língua

Tanto em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* quanto em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin, ao defender o entendimento da língua em uso, considerando-a a partir de seus aspectos ideológicos, culturais e sociais, assevera a insuficiência dessa apreensão pelas correntes lingüísticas em voga no início do século XX no Ocidente - Objetivismo Idealista e Subjetivismo Abstrato. Inicialmente ele caracteriza a língua por diferenciações importantes para se pensar a aquisição da linguagem – a diferenciação entre sinal e signo ao discutir a palavra. Sinal, para o autor, se restringe à materialidade da língua, à forma como uma escrita é apresentada em seu “aspecto convencionado”. Já o signo se apresenta nessa materialidade,

mas envolto, embebido da dimensão cultural e histórica da língua. Tais conceitos anunciam outros, como identificação e compreensão, tema, discurso de outrem etc.

Todavia, ao se pensar a língua em seu aspecto ideológico, portanto, a língua como signo, tendo em vista a dimensão histórica e cultural que a constitui, é possível uma reflexão acerca do ensino dessa língua na escola. Por essa razão, ensinar língua portuguesa não é ensinar uma língua morta, pronta para ser usada, por sujeitos também prontos e acabados. Aos filólogos cabe estudar a língua morta, dissecá-la, desmembrá-la, categorizá-la, atitude que se difere do estudo de uma língua viva, segundo Bakhtin (2009). A vivacidade da língua não permite tal limitação.

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin, ao questionar o que vem a ser a filosofia da linguagem, buscando compreendê-la em uma dimensão científica, como objeto de estudo, volta-se para a apresentação de duas correntes lingüísticas: o Subjetivismo Abstrato e o Objetivismo Idealista. Uma corrente se opõe à outra como forma de explicar os estudos lingüísticos. Enquanto a primeira valoriza os atos da fala como substância da língua, a consciência dita individual; a segunda, prioriza o sistema da língua como sistema de formas normativas, imutáveis e estáveis. Da primeira advém à defesa ao subjetivismo abstrato porque a realidade é apreendida pelo sujeito na consciência. Da segunda advém o objetivismo idealista, em que a realidade da língua é resultado de uma objetividade, como sistema idealista, pois desconsidera os falantes dessa língua.

Bakhtin, nesse diálogo, aponta os *proton pseudos* das duas correntes. Segundo o autor:

A língua, como sistema de formas que remetem a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos lingüísticos enquanto fatos vivos e em evolução. Ao contrário, ele nos distancia da realidade evolutiva e viva da língua e de suas funções sociais [...] Ao considerar que só o sistema lingüístico pode dar conta dos fatos da língua, o objetivismo abstrato rejeita a enunciação, o ato de fala, como sendo individual, como sendo individual. Como dissemos, é esse o *proton pseudos*, a “primeira mentira”, do objetivismo abstrato. O subjetivismo individualista, ao contrário, só leva em consideração a fala. Mas ele também considera o ato da fala como individual e é por isso que tenta explicá-lo a partir das condições da vida psíquica individual do sujeito falante. E esse é o seu *proton pseudos*. (BAKHTIN, 2009, p. 114 e 115, grifos do autor)

O autor defende que a realidade da língua é social, e que, por essa razão, a “verdade” da língua não se encontra nem em uma, nem em outra teoria, mas na síntese dialética entre as duas. A interlocução, a dialogia, a historicidade, a ideologia, a arena de força que envolve e

que constitui a língua não permite, para compreensão de sua inteireza, analisá-la em dimensões simplesmente individuais ou sistêmicas, pois a verdadeira substância da língua é constituída “pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações”, com as implicações daí decorrentes, o que supõe a participação ativa do sujeito falante no fluxo discursivo. Bakhtin (2003, p. 271) afirma que:

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; [...] Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau de ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

Nesse emaranhado discursivo, em que toda compreensão é prenhe de resposta, pensar a língua supõe discutir o estabelecimento de elos discursivos (enunciativos). Na atividade avaliativa abaixo, desenvolvida no ano de 2010, em uma escola pública de Aparecida de Goiânia, uma concepção de língua se apresenta pelas questões que norteiam o texto *Coisa de palhaço*:

Avaliação - Língua Portuguesa Nota: _____

1 - Leitura:

Coisas de Palhaço

Palhaço, o que é?
 - É ladrão de mulher.
 O palhaço Bolota?
 - Bate à cara na porta.
 O palhaço Mentira?
 - Seu canhão não atira.
 O palhaço Perneta?
 - Sem tostão na maleta.
 O palhaço, o que sente?
 - Dor de umbigo e de dente.
 O palhaço, o que dança?
 - O rock da lambança.
 O palhaço, o que diz?
 - Sou menino feliz.



Cyro de Mattos

1 - Interpretação

a) Qual o título do poema?

b) Qual o nome do autor?

c) O que faz o personagem Bolota?

2 - Retire do poema:

a) dois substantivos próprios:

b) dois substantivos comuns:

c) palavras que rimam com :

bolota - _____
 dança - _____
 diz - _____

3 - Forme frases com:

Palhaço - _____
 Mentira - _____
 Umbigo - _____

4 - Complete as palavras abaixo com "m" ou "n"

Pó__to ca__po de__te ta__bor
 Fo__te faze__da cria__ça bo__bom

5 - Circule no texto versos em que aparecem o sinal de pontuação - travessão

6 - Quantos versos e estrofes tem o poema?

Vesos - _____
 Estrofes - _____

A proposta de “interpretação” se limita a reprodução de um dizer já dito. Perguntas de identificação ou reconhecimento de dizeres já expressos, como o apontamento do título do texto, nome do autor, atitude do personagem, nada contribui para se pensar o funcionamento real da língua. Todavia, apreende a língua como norma, como modelo de um dizer que deve ser repetido, por isso há a continuação da proposta de repetição e identificação mecanicista, em que do texto se retira aspectos morfológicos de uma língua modelo. Língua que está dada, cabendo ao leitor ou ouvinte reconhecê-la como a certa. O reconhecimento prossegue na artificialidade das outras questões, como se pensar a língua fosse simplesmente compor frases a partir de situações nem pensadas, ou necessariamente cumprir normas ortográficas. A questão 6, por exemplo, não dá margem nem para resposta. A análise de texto que poderia ser rica ao se discutir uma construção em que o individual e o coletivo se aliam na composição da personagem figurativa do palhaço, em que a interlocução com o público leitor se estabelece pela forma lingüística em que o texto se apresenta não são nem mencionadas. Outras atividades reforçam a compreensão da língua em dimensões delimitadas:

OBSERVANDO E FAZENDO

Observe os desenhos e escreva as frases usando os pronomes **ela, elas, ele** ou **eles**.



CLASSIFICANDO AS FRASES

- A) Puxa! Que menina alta! _____
- B) Que idade tem a sua avó? _____
- C) João não gosta de futebol. _____
- D) Oba! Meu time fez um gol! _____
- E) Quem comeu os meus biscoitos? _____
- F) Meu irmão caiu do cavalo. _____
- G) Você quer jogar bola comigo? _____

Agora transforme as frases abaixo em negativas.

A) O Lobo engoliu a vovó de Chapeuzinho Vermelho.

B) Ontem foi dia de lua nova.

C) Meu tio é baixo.

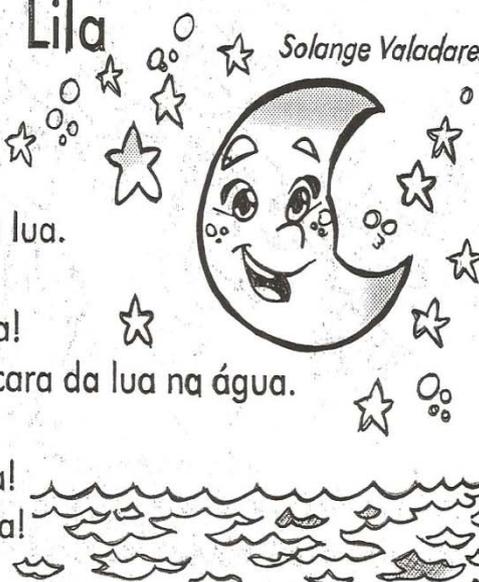


CRUZADINHA-TEXTO

Lila

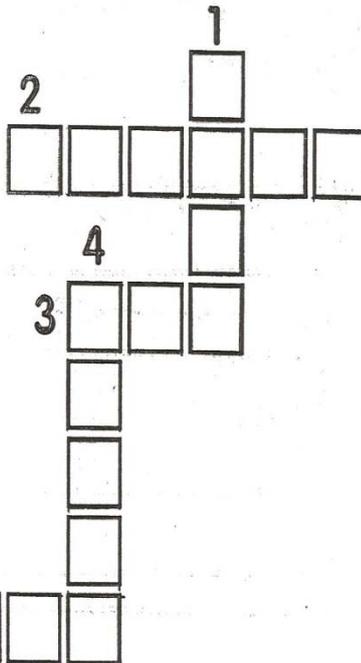
Solange Valadares

Lila é uma menina.
 Toda noite Lila olha a lua.
 Ela olha a lua e diz:
 — Como a lua é linda!
 Uma noite Lila viu a cara da lua na água.
 Lila falou:
 — A lua caiu na água!
 — A lua caiu na água!



Complete a cruzadinha de acordo com o texto.

- 1 - Qual é o título? _____
- 2 - Quem é Lila? _____
- 3 - Lila olha a _____
- 4 - A lua é _____
- 5 - Onde Lila viu a cara da lua?



Observar e fazer, classificar apenas, repetir simplesmente a partir de enquadrações que asseguram a resposta correta. Uma resposta que nem ao menos dá margem para a efetivação de outros sentidos, aponta um estudo sobre uma língua sem sujeito. A alternância dos falantes, resultado de uma língua viva, não se concretiza. As atividades apresentam a língua restrita ao estudo de orações, em que, com ela, não se tem “contato imediato com a realidade (com a situação extraverbal) nem relação imediata com enunciados alheios, não dispõe de plenitude semântica nem capacidade de determinar imediatamente a posição responsiva do outro falante, isto é, de suscitar resposta” (BAKHTIN, 2003, p. 278). Atividades de reconhecimento dirigidas a ninguém, uma língua sem destinatário, tomada como neutra porque, por ela, tudo se diz; e, ao dizer, revela propósitos de formação de um leitor e de um escritor repetidos de discurso alheio, cumpridor de dizeres que devem ser legitimados, jamais contestados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem os estudos bakhtinianos permitem finalizações, nem esta apresentação supõe tal tarefa, pela incompletude da forma como ela se efetiva, por não permitir nesse espaço de composição, a discussão de um entendimento da língua de tamanha complexidade, pois envolve aprofundamentos de conceitos, como dialogia, interlocução, tema, gêneros discursivo, autoria etc. Conceitos essenciais para se entender o que o autor define como linguagem e como enunciado.

No entanto, ao analisar atividades de professores é possível apreender uma concepção materializada de linguagem que não se limita ao estudo descritivo da língua, mas aponta para um fazer do sujeito na sociedade em que vive, para uma “filosofia da linguagem”, à medida que estabelece relações com as práticas de ensino e com o campo educacional. No entanto, tais atividades orientam-se segundo preceitos do Objetivismo Abstrato, em que Saussure é o representante, e não seguem a proposta de filosofia da linguagem de Bakhtin.

A historicidade das correntes lingüísticas discutidas, e muitas vezes negadas ao longo do século XX pelo ensino por exemplo “gramaticista”, pela inclusão do trabalho com textos em sala de aula, proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs), continuam marcando atividades pedagógicas. A composição de novos discursos, por meio de outros fazeres, não exclui a historicidade da língua, pelo contrário, revela-a. As práticas dos professores são marcadas, portanto, por essa historicidade. Por isso, as obras de

Bakhtin são importantes para uma reflexão acerca do ensino da língua a partir de outros princípios epistemológicos.

A língua, pelas atividades desenvolvidas, revela-se repetição de dizeres prontos, resultado de um sistema dado, imutável o qual se vincula à atuação de sujeito também pronto e acabado; desconsidera-se a língua como unidade real de comunicação discursiva. Tanto é que, ao contrário dos enunciados que não únicos e não reiteráveis, a língua ali se apresenta como verdades ditas que devem ser repetidas, reforçadas, reproduzidas.

A palavra como arena de forças, permeadas por vozes sociais conflituantes, em que dela advém um avesso e um direito, como assegurou Fiorin (2008), apresenta-se estática, imobilizada. O trabalho com texto, propostas de supostos avanços no ensino, em nada contribui para a construção de uma outra história de ensino da língua. O texto como pretexto continua prescrevendo normas, ditando regras, estipulando dizeres. A historicidade da língua, nesse contexto, ao revelar facetas de estagnação em relação ao saber científico, aponta a reprodução de um passado racionalista limitador de compreensão da linguagem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, Beth. (Org.) Bakhtin, Dialogismo e Construção do sentido. II Parte. Enunciação e Sentido em Bakhtin. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e ensino: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática. 2008.

_____. Linguagem, realidade e pensamento. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, v. 21, p. 36 - 37, 01 jul. 2007.

GERALDI, J. W. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

